

## **A PRIMAVERA SILENCIOSA QUE SACUDIU AS PRÓXIMAS ESTAÇÕES**

Alfredo Ricardo Silva Lopes\*

CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.

“Raramente um único livro altera o curso da história, mas *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, fez exatamente isso.” Esta afirmação considerada por alguns pretenciosa e por outros verdadeira, estampa a contracapa da mais recente versão de *Primavera Silenciosa*, publicado inicialmente em 1964 no Brasil pela editora Melhoramentos, reeditado e lançado em 2010 pela editora Gaia no Brasil.

A elaboração de uma resenha que ressalte as contribuições deste livro para o debate ambiental chega a ser desnecessária, em virtude das inúmeras discussões levantadas pelo livro ao longo das últimas décadas. Entretanto, deve-se salientar que o debate a cerca de *Primavera Silenciosa* ainda está no cerne da polêmica sobre os rumos da sociedade globalizada, uma vez que as práticas das empresas químicas denunciadas pela pesquisadora, em grande parte, continuam ocorrendo.

Rachel Carson formou-se em zoologia na Universidade de Maryland em 1932, em 1936 começou a trabalhar no Departamento Federal de Pesca dos EUA. Segundo o prefácio de Linda Lear, desde a infância Carson desenvolvia o hábito de escrever e, também, tinha o olhar voltado para a natureza. Antes de *Primavera Silenciosa* (1962) foram publicados: *Under the Sea Wind* (1941), *Fishes of the Middle West* (1943), *Fish and Shellfish of the Middle Atlantic Coast* (1945), *Chincoteague: A National Wildlife Refuge* (1947), *Mattamuskeet: A National Wildlife Refuge* (1947), *Parker River: A National Wildlife Refuge* (1947), *Bear River: A National Wildlife Refuge* (1950), *The Sea Around Us* (1951), *The Edge of the Sea* (1955).

---

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E-mail: alfredorsl@gmail.com

O livro de Rachel Carson está dividido em 17 capítulos e analisa o uso de pesticidas químicos artificiais para combater as chamadas “pragas” que atacam tanto a agricultura quanto as reservas naturais nos EUA e Canadá.

No capítulo *Uma fábula para o amanhã* a autora narra como a primavera se tornaria silenciosa, quando uma série de acontecimentos de origem antrópica quebram a harmonia do mundo natural. Carson descreve uma típica comunidade rural dos EUA onde o uso de pesticidas químicos produziu a contaminação do ambiente, onde até mesmo as flores não floresceriam na primavera. Destaca ainda que, através da cadeia alimentar as toxinas dos componentes artificiais chegaram ao leite que as mães ofereciam aos seus filhos durante a amamentação. Apesar de ser uma situação hipotética, a bióloga enfatiza que tal circunstância poderia ocorrer a qualquer momento, tendo em vista intensa utilização dos biocidas em escala global.

No segundo capítulo, *A obrigação de suportar*, Carson destaca que apenas no século XX uma espécie dentre tantas alcançou o poder de alterar a natureza do planeta. Nesse sentido, considera essencial a cautela para que a espécie humana não altere a harmonia da natureza. Em virtude dos abusos no uso de pesticidas químicos, Carson utiliza as palavras de Jean Rostand, para fechar o capítulo, “a obrigação de suportar nos dá o direito de saber” (p. 28) quais as conseqüências do uso indiscriminado dos biocidas à saúde humana e do planeta.

Para tratar dos *Elixires da morte* a bióloga traz uma detalhada explicação da composição química dos biocidas e como tais substâncias interagem com o organismo humano, ressaltando o caráter tóxico dos compostos. Tudo isso, com base em uma série de estudos sobre as conseqüências da aplicação, principalmente, do hidrocarboneto clorado DDT (Dicloro-Difenil-Tricloroetano).

A análise sistêmica é parte do quarto capítulo *Águas da superfície e mares subterrâneos*, quando a autora relaciona o uso indiscriminado de pesticidas químicos à poluição dos recursos hídricos. Na seqüência, em *Os reinos do solo* o ciclo da contaminação vai se fechando, onde fica explícita a relação entre a microfauna e o solo como fundamental para o desenvolvimento de qualquer cultivo agrícola.

Tal conjuntura fica ainda mais clara em *O manto verde da terra*, quando a autora destaca o desequilíbrio nas cadeias alimentares de diversas espécies causado pelo uso de pesticidas químicos na tentativa de erradicação das “ervas daninhas”. A falta de uma compreensão total sobre a teia de relações da natureza aparece na narrativa de Carson como componente central para utilização indiscriminada de pesticidas químicos no controle da vegetação rasteira, pois em diversos casos é constatado que a aplicação de biocidas em determinadas áreas poderia ter sido menor quantidade.

A autora enfatiza em *Devastação desnecessária* que, “[...] a medida que o ser humano avança rumo a seu objetivo de conquistar a natureza, ele vem escrevendo uma deprimente lista de destruições” (p. 83) à natureza como todo. Destaca além do caráter destrutivo dos biocidas que, o uso destes compostos para controle químico é autoperpetuante, ou seja, necessita reaplicações frequentes e onerosas.

A introdução de diversas espécies exóticas, tanto de flora quanto de fauna, nos EUA baseadas no interesse comercial produziu uma série de desequilíbrios em diversos locais. Em alguns casos os compostos químicos sintéticos eram utilizados para estancar o desenvolvimento da espécie exótica. A prática da pulverização foi ganhando cada vez mais adeptos em razão da área que conseguia cobrir com pesticidas, o resultado, normalmente excedia as expectativas, uma vez que toda a biota dos locais era atingida pelos biocidas. Casos desse tipo são trazidos em *E nenhum pássaro cantará*, *Rios de morte* e *Lançados indiscriminadamente dos céus*.

A obra de Rachel Carson oferece algo muito além de um inventário sobre processos de degradação do ambiente por meio dos pesticidas sintéticos. Em *A natureza contra-ataca*, ela explica que o uso indiscriminado de biocidas está produzindo espécies resistentes aos compostos, como se os seres humanos estivessem acelerando a seleção natural. *Os primeiros ribombos de uma avalanche* desenvolve um pouco mais essa questão, explicando que os controles de insetos com uso de DDT produziram consequências que a indústria química se nega a observar. A autora também se pergunta aonde esta “guerra” pode parar? Se de um lado se buscam compostos cada vez mais fortes, de outro são “produzidas” espécies cada vez mais resistentes.

*A outra estrada* é o caminho que Carson oferece para um amanhã onde os biocidas não sejam a primeira e única escolha para interagir com o mundo natural. A autora defende o uso das soluções biológicas, mediante, é claro, o estudo sobre impacto de adaptação.

Dada a obsolescência que marca os estudos científicos atuais, o relançamento de uma pesquisa realizada durante a década de 1950 pode causar estranhamento a qualquer cientista natural. Então qual seria finalidade da nova publicação de *Primavera Silenciosa*?

Em virtude das exposições de Carson, a indústria química em nível global tentou dificultar todas as formas de publicação do livro e financiou uma série de pesquisas para tentar comprovar que seus produtos possuíam dosagens seguras de utilização. A obra também pode ser encontrada, na sua versão anterior, em diversos sítios da rede mundial de computadores, distribuída informalmente. Bem provável que a obra tenha sido incrivelmente fotocopiada em razão da pouca disponibilidade ao público em geral, a raridade do livro também pode ser comprovada pelo seu preço, em “sebos” especializados no

Brasil a edição de 1964 chega a custar R\$ 199,00. Entretanto, as colocações oferecidas não trazem luz à questão proposta anteriormente.

O prefácio da edição de 2010 em português oferece algumas pistas sobre a importância do livro, nele Linda Lear enfoca que as obras de Rachel Carson foram fundamentais para o surgimento do ambientalismo moderno. Lear afirma que a preocupação apaixonada de Carson com o futuro do planeta reverberou poderosamente por todo o mundo, e seu livro eloqüente foi determinante para o lançamento desse novo ambientalismo.

Para além da incrível habilidade descritiva, da narrativa sedutora e da preocupação apaixonada, que Linda Lear insiste em ressaltar, *Primavera Silenciosa* fornece os primeiros subsídios para a compreensão das relações entre as empresas multinacionais e as políticas públicas que vão muito mais ao encontro dos interesses corporativos que públicos. No contexto do pós-guerra, durante a onda do desenvolvimento a todo custo, Carson fez o que era impensável: levantou-se diretamente contra as empresas químicas dos EUA, ícones do capitalismo agro-industrial.

Sendo assim, as contribuições de Carson em *Primavera Silenciosa* vão além das inovadoras relações e percepções sobre o mundo natural. As denúncias sobre as limitações e os abusos da ciência na apropriação/dominação da natureza são conectadas à insaciável busca por lucro das empresas químicas. Carson ainda destaca o caráter planetário da utilização dos biocidas, o que amplia a escala da percepção ambiental para além das fronteiras nacionais.

O romantismo de Carson é constantemente evocado na busca do estabelecimento do ambientalismo moderno, entretanto a busca por uma essência espiritual pautada na veneração da natureza pouco se percebeu que a autora de *Primavera Silenciosa* ofereceu uma contribuição muito mais substancial que uma releitura do romantismo com instrumentos das ciências naturais. As análises de Rachel Carson se tornaram partes da estrutura do ambientalismo moderno em grande medida pela transformação das fronteiras políticas em fronteiras biológicas, pois os pesticidas não respeitavam as divisas entre estados ou países. Ainda, a autora, direcionou o “combate” do movimento ambientalista também para o campo econômico, ao apontar as empresas capitalistas multinacionais como responsáveis diretas pela proliferação dos biocidas.

Desta forma, enquanto os debates e embates sobre a questão ambiental gravitam em torno de anseios majoritariamente econômicos (financeiros) e as consequências disso serem a degradação ambiental e humana, o livro de Rachel Carson será leitura obrigatória que irá muito além de definir quando o movimento ambientalista moderno começou.

**Resenha recebida em agosto de 2011. Aceita em agosto de 2011.**